

VIRGINDADE E MATRIMÔNIO: A OPINIÃO DOS PROFESSORES

Semira Adler Vainsencher
Psicóloga e pesquisadora
da Fundação Joaquim Nabuco

Introdução

As opiniões convergem para o seguinte conceito: virgem é a mulher que não teve contato sexual com um homem e cujo órgão genital caracteriza-se pela existência da membrana do hímem, intacta. Esta definição, de acordo com o conceito moderno, não pode ser considerada como absoluta, uma vez que não são poucos os casos de hímem complacente, assim como de rompimentos da membrana sem qualquer contato sexual. Virgem é também, no sentido moral do termo, o indivíduo que nunca consentiu num ato sexual completo.

Desde a mais remota antiguidade, a virgindade é visualizada como um estado de graça: entre os gregos, somente as virgens podiam ser sacerdotisas de Apolo; entre os romanos, as vestais faziam voto de castidade; entre os judeus, atribua-se grande importância à virgindade da mulher por ocasião do matrimônio. O cristianismo, dando continuidade a essa postura, concedeu relevância fundamental ao estado da virgindade. Nos primeiros séculos, depois de Cristo, havia virgens que faziam voto de castidade a fim de se dedicar inteiramente à adoração de Cristo. Com o início da vida monástica, passaram a constituir comunidades de monjas.

Na doutrina católica, a virgindade consiste não somente na ausência de contato sexual mas na desistência voluntária de quaisquer prazeres do sexo, com ou sem o matrimônio. O dogma católico, no que se refere à concepção virginal, enfatiza o fato seguinte: Maria, Mãe de Jesus, foi virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

"Isto supõe que a concepção do Redentor não se realizou de modo normal, não teve concurso de Seu esposo, S. José: o germen vital, preparado no organismo de Maria, tornou-se capaz de conceber a alma de Jesus graças a intervenção milagrosa de Deus, por obra e graça do Espírito Santo. Virgem no parto, porque Maria deu à luz Seu Filho de um modo prodigioso, isto é,

sem menoscabo da Sua integridade física, permanecendo intacto o hímem - sinal da virgindade corporal. Depois do parto, Maria continuou sem ter relações sexuais com S. José, Seu verdadeiro esposo, e portanto com todos os direitos conjugais, mas, como Ela, decidido a viver no matrimônio uma união de intenso amor espiritual e humano, renunciando à sua expressão carnal devido a motivos superiores". (*)

Desse modo, a virgindade tem sido encarada como uma virtude singular, um emblema de pureza, imunidade de toda a concupiscência sexual deliberada, renúncia voluntária ao exercício da vida sexual pelo "Reino dos Céus".

A valorização da virgindade surgiu mais fortemente quanto, no casamento por compra, a noiva virgem alcançava melhor preço que a não-*virgem*, trazendo um atestado de seu passado "limpo" e a promessa de fidelidade eterna.

A atividade sexual para a mulher, antes do casamento, era proibida principalmente porque ameaçava o direito de propriedade do homem. Receber uma mulher virgem, por ocasião do matrimônio, era uma exigência idêntica àquela da demanda do dote - gado, terras, jóias, ou outros bens - que viria atrelado à mesma. Como a mulher valia muito menos do que o homem, os bens vinham como uma compensação para preencher essa grande lacuna, sendo também a virgindade uma dessas compensações.

A perda da virgindade, para muitos povos primitivos, não era considerada como problema grave; muito pelo contrário, o que mais se temia era o fato de a mulher poder ser estéril. Casar grávida, portanto, constituía-se em uma ajuda, uma vez que a mulher dava prova de sua fecundidade.

Embora se desconheça a função fisiológica do hímem, nos planos cultural e psicológico sua função é reconhecida universalmente. No plano simbólico, o uso de longos vestidos brancos, indispensáveis à virgem, está associado à sua pureza imaculada. E, ainda hoje entre os judeus, por ocasião do matrimônio, o homem quebra uma taça de vidro, simbolizando dessa forma a rotura do hímem da companheira.

Assim sendo, essa película que recobre um "objeto novo", podendo prender o marido, se possível, por uma vida inteira, é algo que as sociedades, de uma forma ou de outra, têm exigido das mulheres como norma a cumprir, estando associada à posse de um bem imediato, de um objeto de barganha, garantia de uma honestidade futura.

Numa sociedade como a nordestina, plena de falsos valores, de tabus e preconceitos, onde a mulher ainda é relegada a um plano secundário em todos os sentidos - seja econômico, político, social - a questão da virgindade merece ser tratada e discutida, como uma variável importante dentre aquelas que balizam o comportamento da referida sociedade, em termos de valores aceitáveis com relação ao sexo.

Nesse sentido, procurou-se investigar esta temática, como parte de

(*) VIRGINDADE. In: *ENCICLOPEDIA Luso - Brasileira de Cultura*. Lisboa, Verbo, 1976. v. 18. p. 1272.

uma pesquisa mais ampla (*) que objetivou analisar o posicionamento de professores de escolas públicas (1º Grau), da cidade do Recife, que se encarregam da transmissão de informações sobre assuntos ligados ao sexo, em sala de aula.

A metodologia utilizada baseou-se na análise de dados primários provenientes de informações coletadas através de um questionário aplicado junto a uma amostra de 182 docentes (5ª à 8ª série), dos quais 104 lecionavam Ciências e 78, Ensino Religioso.

O perfil do professorado, das disciplinas de Ciências e Ensino Religioso, que participou da amostra pode ser delineado dentro das seguintes características básicas: predominância do sexo feminino, de casados, com grau de instrução superior completo (em 97% dos casos), idade entre 30 e 39 anos, religião católica, com frequência semanal ao culto religioso.

Virgindade para a filha?

A maioria dos professores de Ciências, independentemente do sexo, preferia, caso tivesse uma filha, que esta se casasse virgem (57% dos casos, em geral). Observou-se também que os casados, muito mais que os solteiros, foram os que mais optaram por esse posicionamento (72%).

Com os professores de Ensino Religioso, esse percentual se apresentou muito mais elevado, especialmente entre as mulheres (89% dos casos). Nesse aspecto, constatou-se uma diferença entre os professores das duas disciplinas: apesar de a maior parcela dos professores de Ciências ter respondido *sim* a essa questão, observou-se que 33% preferiam que sua filha não casasse virgem, quando apenas 18% dos professores de Ensino Religioso se posicionaram a favor da não-*virgindade* da mesma. (**)

Para os professores de Ciências, em 25% dos casos, a relação sexual implica casamento, tendo alegado também que, pela preservação de valores morais (19%) e por princípios religiosos (14%), era importante a mulher manter-se virgem até o matrimônio.

O motivo mais enfatizado pelos professores de Ensino Religioso, para a filha manter-se virgem, foi o da importância da preservação dos valores morais (28%), seguindo-se os princípios religiosos (16%).

Alguns discursos (***) significativos do professorado a respeito da importância da virgindade da mulher são os seguintes:

(*) *O presente artigo faz parte de uma pesquisa intitulada "Educação Sexual: E o Professor?", realizada na Fundação Joaquim Nabuco, no período de junho de 1986 a agosto de 1987, e subvencionada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).*

(**) *Ver tabela 1.*

(***) *Cabe destacar que os depoimentos dos professores foram transcritos na forma original de registro.*

TABELA Nº 1
 PREFERÊNCIA DO PROFESSORADO PELA VIRGINDADE DA FILHA E DO FILHO, AO CASAR,
 SEGUNDO A DISCIPLINA LECIONADA, POR SEXO

Especifi- cação	Virgindade da Filha					Virgindade do Filho						
	N		%			N		%				
	Homens	Mulheres	Ambo os Sexos	Homens	Mulheres	Ambo os Sexos	Homens	Mulheres	Ambo os Sexos	Homens	Mulheres	Ambo os Sexos
I. Ciências												
Sim	12	47	59	60	56	57	3	11	14	15	13	13
Não	4	30	34	20	36	33	13	67	80	85	75	77
Não Respondeu	4	7	11	20	8	10	4	6	10	20	7	10
Total	20	84	104	100	100	100	20	84	104	100	100	100
II. Ensino Religioso												
Sim	8	49	57	89	71	73	3	9	12	33	13	16
Não	1	13	14	11	19	18	8	52	58	67	75	74
Não Respondeu	1	7	8	1	10	9	1	8	8	10	12	10
Total	9	69	78	100	100	100	9	69	78	100	100	100
III. Total												
Sim	20	96	116	69	63	64	6	20	26	21	13	14
Não	5	43	48	17	28	26	19	119	132	65	78	78
Não Respondeu	4	14	18	14	9	10	4	14	18	14	9	10
Total	29	153	182	100	100	100	29	153	182	100	100	100

FONTE: Pesquisa direta, Recife, 1988
 n= 162

"Para que ela no temor de Deus, entregasse a sua vida conjugal no dia do casamento, para que Deus abençoa-se, e poder ter sua sexual também abençoada. Já que foi Deus que criou o casamento. Mateus 19".

(Professor de Ensino Religioso, 36 anos, casado)

"Porque eu não saberia aceitar o contrário, pois na minha família nunca ocorreu, pelo menos se pensa. Eu iria sentir vergonha".

(Professora de Ensino Religioso, 38 anos, casada)

"Talvez pela maneira como fui educada (em colégio de freira) e pais católicos praticantes, me leve a optar pelo sim".

(Professorá de Ciências, 35 anos, solteira).

"Sendo católica acho mais cristão e não corre muito risco de querer dar uma de atriz de televisão, ficar trocando de marido como troca de roupa".

(Professora de Ciências, 40 anos, casada)

"Porque perante a lei de Deus e também dos homens é o certo. Se a moça ou rapaz tiverem relação sexual antes do casamento é pecado".

(Professora de Ensino Religioso, 59 anos, casada)

"Deus criou o homem e a mulher abençoou-os e lhes disse crescei e multiplicai, por essa razão a qual nos ensinou Cristo. O ser humano (a mulher) deve manter sua pureza até contrair o matrimônio".

(Professora de Ensino Religioso, 38 anos, solteira).

Pode-se observar bem neste último discurso que a categoria "ser humano" refere-se exclusivamente à mulher, ou seja, é ela que deverá manter sua pureza até se casar.

"Eu tenho duas filhas e gostaria que se casassem virgens porque o corpo da mulher é o bem mais precioso que ela possui e relação sexual só por amor, pois não somos animais, e com amor surge o casamento onde vai sendo descoberto os prazeres do amor e sem complexo de culpa. O homem e a mulher estão preparados para casamento onde a mulher não é virgem".

(Professora de Ciências, 45 anos, casada)

Alguns discursos enfatizam que existem muitos tabus com relação à virgindade, sendo o próprio homem aquele que mais a exige na hora do casamento. Como uma questão de pureza e orgulho femininos, as professoras defendem sua própria virgindade antes do matrimônio e, por extensão, a das suas filhas.

"Primeiramente, porque eu ainda trago um pouco da minha herança paterna. E a virgindade hoje, é ainda um orgulho, para quem possui, nesta sociedade marginalizada".

(Professora de Ensino Religioso, 42 anos, casada)

"Pela educação que o homem sempre teve, ele no fundo, considera a virgindade como uma questão de pureza. Eu, por exemplo não me arrependi de esperar um pouco".

(Professora de Ensino Religioso, 43 anos, casada)

"Acho que sim. Porque nós dizemos muitas vezes que não existe mais um certo tabu quanto a isto. Mas, os homens ainda preferem as moças. Se nós analisamos a questão em si, se fizermos uma pesquisa com os 'homens' veremos que eles, quer dizer 'a maioria', não aceita a disvirgindade da mulher".

(Professora de Ciências, 27 anos, casada)

"É mais romântico, ela deveria saber tudo é claro, iria mais experiente do que eu. É uma questão de valor. Valores morais que estão em extinção".

(Professora de Ensino Religioso, 44 anos, casada)

"Porque apesar de achar que as coisas estão muito liberal, acredito que isto ainda é uma fantasia boa que deve ser preservada".

(Professora de Ciências, 31 anos, casada)

"Acho que a virgindade só deve ser tirada por ocasião do sacramento do matrimônio, para que não venha a causar problemas de ordem psicológica e religiosa".

(Professora de Ciências, 39 anos, casada)

"Porque a natureza a fez assim e só depois de conhecer realmente o homem com quem vai conviver (seu marido), é que deve passar pela experiência, muito embora, eu saiba que a honra e dignidade da mulher, não está por ser virgem ou não".

(Professora de Ciências, 46 anos, solteira)

"A maioria dos homens pintam e bordam por aí, mais quando é para casar só procuram as virgens".

(Professora de Ciências, 30 anos, solteira)

"Julgo que a primeira prenda que a jovem doa ao esposo, como fator até presente de caráter psico-seletivo, fator de privilégio, união, amor vestal, símbolo de algo de mistério da escolha".

(Professor de Ensino Religioso, 54 anos)

"Simplesmente porque a virgindade continua sendo tabu em nossa cultura. Não sou eu que vou mudar um costume de séculos".

(Professora de Ensino Religioso, 36 anos, casada)

Ao justificarem os motivos pelos quais preferem a não-*virgindade* da filha ao casar, os professores (26% do total geral) alegam que a experiência sexual é necessária para um bom ajustamento do casal, que a virgindade não deve ser supervalorizada e também que as relações sexuais não implicam em casamento.

É importante ressaltar que os professores de Ciências (em 33% dos casos) foram os que mais defenderam esta proposta; ao passo que se encontrou apenas um percentual de 18% junto aos professores de Ensino Religioso.

"Isto cabe a cada pessoa escolher, antes do físico o mais importante é o psíquico (afeto). E a experiência antes do casamento é importante para uma boa escolha depois. A maturidade sexual só existe quando cada um conhece sua particularidade e sabe o que quer".

(Professor de Ciências, 28 anos, casado)

"Gostaria muito mais que virgem ou não, minha filha se impusesse como figura humana sem determinados preconceitos".

(Professora de Ciências, 40 anos, solteira)

"Porque eu não teria o direito de fazer-lhe tal exigência, desde que eu não exigi isto de mim, como poderia querer tal sacrifício de uma pessoa que eu amo. Apenas a orientaria, ela que encontrasse seu próprio caminho".

(Professor de Ciências, 33 anos, solteiro)

"Porque o corpo é dela e quem deve decidir sobre isso é ela. eu devo orientá-la da melhor forma, para ela sempre saber quais os riscos de cada passo dado e para que possa assumir os seus atos com tranquilidade e responsabilidade".

(Professora de Ciências, 24 anos, casada)

"Preferia que ela já tivesse experiência para que fosse formar seu lar convicta do que já a esperava".

(Professora de Ensino Religioso, 35 anos, solteira)

"O sexo atualmente está presente em todos os lugares, revistas, televisão, etc. rodeando os jovens, não vejo nada de mais não ter virgindade para casar. Não é uma simples virgindade que segura um casamento, se conhecendo antes, há maior segurança, desde que haja amor".

(Professora de Ensino Religioso, 24 anos, casada)

"Todos temos direito de levar uma vida sadia e, o sexo, faz parte da vida sadia do ser humano. Impependentemente do sexo do seu filho, aconselhar-lo-ia a levar uma vida sadia. Somente uma ressalva faria, seja consciente. E confio em mim para transmitir essa consciencia a minha filha, pois tenho uma linda".

(Professora de Ensino Religioso, 24 anos, casada)

"Virgindade está na mente e na cultura de um povo, acho que seria indiferente preferir que ela casasse virgem, ou não. Acho que viver experiências sexuais não tem nada à ver com o casamento. E se isto ocorresse antes do casamento, talvez ela ganhasse até mais confiança nela própria".

(Professora de Ciências, 24 anos casada).

Problemas relacionados à repressão sexual da mulher antes do matrimônio foram mencionados por alguns professores como impedimento a uma vida sexual pós-conjugal satisfatória.

"Meus pais preferiam que eu casasse virgem, botam a mão no fogo mas tive relacionamentos muito ousados já tentando vencer tabus e até hoje casada, por causa da criação que tive não consigo me realizar sexualmente".

(Professora de Ensino Religioso, 28 anos, casada)

"A mulher precisa ter experiência sexual antes de casar. A grande maioria dos casamentos, têm acabado mais rápido, por conta, inclusive desse fator."

"A mulher precisa sentir prazer sexual. A grande maioria dos homens são egoístas na cama, e até isso, para se conviver é difícil, por isso que se deve avaliar. E para isso é preciso uma, ou várias experiências".

(Professora de Ciências, 31 anos, desquitada)

"Acho que a mulher deve ter experiências sexuais antes do casamento; para que não venha ver depois de casada que o homem que escolheu para ser seu companheiro não lhe satisfaz sexualmente e, ou viver amargurada ou então separar-se, trazendo muitas vezes problemas para os filhos".

(Professora de Ciências, 27 anos, solteira)

No que diz respeito à virgindade da filha ao casar, constatou-se que os casados assumiram posturas mais conservadoras (*) que os solteiros.

Observou-se também, junto aos professores de Ciências, que quanto maior a assiduidade à missa (**) maior a rigidez no tocante à preferência pela virgindade da mulher, ou seja, os que mais defendiam este aspecto eram os mesmos que declaravam freqüentar a missa diária, semanal e mensalmente.

O mesmo não ocorreu com os professores de Ensino Religioso: a preferência (em larga escala) pela virgindade da filha ao casar revelou-se ser independente da assiduidade ao culto religioso. Mesmo os que declararam freqüentar a missa eventualmente, posicionaram-se a favor da virgindade da mulher por ocasião do matrimônio.

É provável que a própria disciplina lecionada influa nesse tópico de forma marcante, uma vez que, do total da amostra de professores de Ensino Religioso, somente 32% dedicavam-se exclusivamente ao ensino dessa disciplina. Apesar de ensinarem também outras matérias, os professores demonstraram possuir um compromisso, uma fidelidade para com os princípios religiosos, mesmo freqüentando a missa de forma eventual.

Em termos do total geral das duas disciplinas, conjuntamente, verificou-se um percentual decrescente entre a preferência pela virgindade da mulher e a assiduidade ao culto religioso.

Isso parece significar que quanto mais religioso um professor, menos ele relevará esse aspecto da sexualidade para a mulher, ou seja, os princípios religiosos demonstraram possuir uma correlação positiva com o posicionamento dos indivíduos no que tange a esse aspecto da sexualidade feminina.

Virgindade para o filho?

Perder a virgindade, para o homem, não significa perder nenhuma

(*) Como norma, a autora da pesquisa considerou, para fins de análise, os posicionamentos do professorado quanto à preferência pela virgindade da filha e pela não-virgindade do filho, ao casarem.

Nesse aspecto, foram considerados **conservadores** todos os posicionamentos que coincidiam com as posições acima descritas; e foram consideradas **liberais** as que foram de encontro às mesmas.

Vale salientar que essa distinção foi feita apenas para facilitar a análise do material coletado, e que os termos "conservador" e "liberal" não implicam em uma apreciação ética e moral dessas posturas, isto é, não representam um sistema ideal em que o "certo" e o "errado", o "bom" e o "mau" reproduzam um modelo supremo, indiscutível, das preferências e escolhas pessoais dos indivíduos ou mesmo das sociedades em que vivem.

(**) Entre outros aspectos da pesquisa, tentou-se verificar se o grau de assiduidade ao culto religioso - no caso, a freqüência à missa, já que 80% da amostra declarou ser católica - influa de alguma forma na preferência pela virgindade da filha e do filho, por ocasião do matrimônio.":

membrana ou parte do seu corpo. As relações sexuais em nada o alteram, no sentido de deixarem qualquer marca. Logo, ser virgem, para o mesmo, significa tão-somente manter-se casto, abster-se do exercício da vida sexual.

Este aspecto foi especialmente destacado nesta pesquisa, com o intuito de se observar as semelhanças e diferenças dos posicionamentos dos professores com relação à virgindade do homem e da mulher por ocasião do casamento.

A grande maioria do professorado (76% do total geral) declarou ser contra a idéia de o seu filho casar virgem, não tendo sido observadas diferenças significativas entre as duas disciplinas, tampouco entre os sexos. (*)

A dicotomia homem-mulher, no tocante à virgindade, ficou bastante explicitada: enquanto parcela expressiva da amostra afirmava preferir que a filha casasse virgem, não fazia restrições para o filho; muito pelo contrário, afirmava ser importante para o homem iniciar sua vida sexual antes do matrimônio.

O motivo mais alegado pelas professoras foi o de que este deveria ser mais experiente ao casar, para direcionar a sua parceira ou iniciá-la na vida sexual, já que a mulher vem inexperiente para o casamento. Afirmam ainda que o homem tem "necessidade" dessa experiência e que a educação diferenciada que recebem o homem e a mulher propicia essa diversificação de comportamentos e expectativas com relação aos dois sexos.

Os discursos que se seguem clarificam bem esses motivos:

"Porque existe muitas mulheres fácio (sic) digo (mulher comercial) e é uma experiência para ele ensinar a sua passeira na lua de mel".

(Professora de Ciências, 34 anos, casada)

"Se antes do casamento ele tiver experiências sexuais, elas serão válidas para o casamento, onde ele não estará 0 Km; terá mais tato para a sua esposa nas núpcias; enfim para ela é a 1ª vez, e se também fosse para ele? Seriam dois perdidos numa noite escura. Ele deverá dá confiança, segurança a ela, e ele só dará-se ele tiver".

(Professor de Ciências, 41 anos, casado)

"O homem é mais livre e precisa ter mais prática, além disso ele corre menos riscos do que a mulher que tem de se preparar com métodos anticoncepcionais".

(Professora de Ensino Religioso, 45 anos, casada)

"Porque o homem precisa ser mais experiente, para que na hora da realização do sexo, não fiquem os dois sem saber como agir e que atitude tomar".

(Professora de Ciências, 35 anos, solteira)

(*) Ver tabela 1.

"Porque para o homem o sexo passa a ser mais necessário do que para a mulher, e como se diz no homem nada pega".

(Professora de Ensino Religioso, 41 anos, solteira)

"O homem não se controla e não se conforma em praticar o sexo só após o casamento".

(Professor de Ensino Religioso, 40 anos, casado)

"A história se repete, desde o descobrimento que o brasileiro foi educado a liberalidade masculina e a virgindade da mulher devendo ser resguardada acima de tudo. Em nossa sociedade infelizmente o machismo ainda tem força".

(Professora de Ensino Religioso, 30 anos, casada)

"É próprio dos homens, é uma questão de estrutura, do próprio desenvolvimento. Homem não engravida; poderá engravidar é claro, mas se defende melhor".

(Professora de Ensino Religioso, 44 anos, casada)

"Porque pela lei natural da vida, os meninos 'sexualmente', amadurecem primeiro do que as meninas e seria um pouco difícil e até contra a natureza um menino não se tornar 'homem' na idade normal, assim já se casando com experiências sexuais anteriores, para justamente, no futuro orientar sua esposa, no caso dela ser virgem, é claro".

(Professora de Ciências, 32 anos, casada)

"Para que ele possa escolher com segurança sua parceira".

(Professora de Ciências, 27 anos, solteira)

"Em nossa sociedade a regra é muito forte e os preconceitos muito fortes. Por isso, não desejava que meu filho tivesse um comportamento pouco aceitável".

(Professora de Ciências, 49 anos, desquitada)

"Mas com nossa sociedade 'sexí' acho que não dará. Os rapazes serão impelidos desde cedo para o ato sexual, senão, no meio dos colegas haverá as supostas deduções em torno da sua masculinidade".

(Professora de Ensino Religioso, 37 anos, casada)

"Porque para ele casar virgem casaria assim muito cedo ou muito moço".

(Professora de Ensino Religioso, 38 anos, solteira)

"Porque com a natureza do homem se passa diferente; ele precisa além de descarregar suas potencialidades bem como se firmar como homem na sociedade. Ele precisa passar por várias experiências".

(Professora de Ciências, 46 anos, solteira)

"O homem tem que estar preparado para saber conduzir a mulher de maneira que não venha a sofrer ou ficar com traumas da 1ª relação sexual".

(Professora de Ciências, 28 anos, casada)

"No homem a questão muda, também por orgulho. Nenhuma mãe, quero crer que deseje no mundo de hoje, ter um donzelo em casa. Nós vivemos num mundo de incertezas... quem sabe?".

(Professora de Ensino Religioso, 42 anos, casada)

"Não convém ao homem chegar ao casamento desconhecendo detalhes importantes pois daí poderiam começar problemas que poderiam prejudicar a sua vida conjugal futura".

(Professora de Ciências, 39 anos, casada)

Não foram verificadas diferenças significativas em relação ao estado civil dos professores no que diz respeito ao assunto, ou seja, casados e solteiros assumiram igualmente posturas favoráveis à não-*virgindade* do filho ao casar.

Convém destacar que a grande maioria dos professores menos assíduos ao culto religioso (91%) foi a que assumiu posições mais liberais no tocante às práticas sexuais para o homem, antes do matrimônio.

Enquanto aqueles que freqüentavam a missa diária, semanal e mensalmente declararam ser favoráveis à *virgindade* da filha, sendo os de freqüência eventual os mais liberais, constatou-se o seguinte com relação à *virgindade* do filho: praticamente a totalidade do professorado reforçou a necessidade de o homem possuir experiências sexuais antes do casamento.

Os próprios professores de Ensino Religioso, que tão veementemente se posicionaram contra as relações sexuais pré-conjugais para a mulher, defenderam uma postura oposta para o homem: a da necessidade do conhecimento prévio, como se fosse uma norma postulada socialmente.

O depoimento de uma professora de Ensino Religioso, transcrito a seguir, deixa bem claro este aspecto:

"Afim de contas, homem é homem. Só não o aconselharia para ter experiência com virgens".

(26 anos, solteira)

Conclusões

A virgindade é visualizada pelo professorado como uma prenda que a mulher deve pagar no casamento. Os homens são liberados deste ônus, necessitando provar à sociedade que são "machos" e provar às mulheres que são mais experientes que elas, que conhecem com precisão as regras do jogo e podem ensinar-lhes. Portanto, se a maioria dos professores preferem que a mulher vá "pura", "intocada" ao casamento, uma proporção ainda maior espera que o homem chegue ao matrimônio amadurecido, experiente, e que possa ensinar à parceira tudo que ela deverá saber, e co(n)ho deverá agir.

Os docentes, portanto, ainda que encobrindo seus preconceitos sob uma capa de romantismo, pureza, fantasia a ser preservada, manutenção de um bem precioso, defendem mais do que nunca um direito de propriedade do homem, direito este que, para eles, deve-se manter inalterado.

A mulher continua a valer muito menos que o homem, sendo a virgindade, para a primeira, o símbolo de sua dignidade e valor pessoais.

Embora o grau de assiduidade ao culto religioso influa, em um percentual bastante reduzido, no posicionamento dos professores com relação a esse tópico da sexualidade, verificou-se que a cobrança feita à mulher é extremamente onerosa e com data precisa, principalmente por muitos que declararam comparecer à missa com maior frequência.

Pode-se levantar a hipótese de que a mesma influência religiosa que condicionaria os professores a se posicionarem favoravelmente à virgindade da mulher, levaria também a uma postura contrária a essa mesma virgindade, no tocante ao sexo masculino. Por sua vez, isto leva a indagar se, no fundo, os princípios religiosos não estariam refletindo um condicionamento sócio-cultural mais amplo, de uma sociedade em que o homem, até o presente momento, se situa em uma posição de destaque *vis-à-vis* da mulher.

Tudo leva a crer que os mesmos princípios religiosos que condenam uma mulher por não ser mais virgem antes do casamento, absolvem e até mesmo condecoram o homem que viveu, experimentou, saboreou o fruto permitindo, antes de se casar.

Esse fruto, entretanto, só é proibido à mulher que se preza, sendo permitindo àquela que não se dá o devido valor. Isto significa que a antiga instituição da prostituição, amplamente aceita ao longo de milênios, ainda é considerada como um sistema alternativo para o homem descarregar as suas tensões sexuais.

A maioria afirma que o sexo é mais necessário para o homem, que é próprio de sua estrutura, que sua natureza é diferente, que ele não se controla nem se conforma em praticar o sexo só após o matrimônio e que precisa passar por várias experiências antes de escolher a parceira definitiva de sua vida.

Resta perguntar se, ao justificar o comportamento sexual dos homens, os professores, enquanto parte dessa sociedade, não estão "fechando os olhos" para a utilização da prostituição feminina como uma maneira de os representantes do sexo masculino adquirirem experiências sexuais, provando à sociedade que são "homens", ao mesmo tempo que não são obrigados a

assumir os riscos advindos de uma gravidez indesejável, "treinando" e "des-carregando" no corpo daquela com quem contrairá, uma dia, o matrimônio.

Com que tipo de mulher espera-se então que o homem adquira experiência? Até parece que a sociedade se vangloria de ter mulheres e mulheres, ou seja, aquelas que servem para o homem usar e aquelas que servem para o homem casar.

A questão da virgindade no matrimônio, segundo a opinião dos docentes, reflete preconceitos típicos de uma sociedade patriarcal, "machista", podendo ser resumida através da seguinte proposição: **mulher virgem é norma, homem virgem é antinorma.**

É isto o que os professores pensam. E é desta forma que, bem ou mal, educam os seus alunos.

Referências Bibliográficas

BARROSO, Carmem. Pesquisa sobre educação sexual e democracia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (34):89-90, ag. 1980.

_____. L'éducation sexuelle à l'école. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (23):83-84, dez. 1977.

BARROSO, Carmem et alii. Percepção de controle e inovação de papéis sexuais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (25):53-94, jun. 1978.

BARROSO, Carmem/BRUSCHINI, Cristina. **Educação sexual: debate aberto**. Petrópolis, Vozes, 1982. 131 p.

CHAUÍ, Marilena et alii. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (36):99-110, fev. 1981.

COMFORT, Alex & COMFORT, Jane. **ABC do Amor e do Sexo; Orientação Sexual para Adolescentes**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

D'AMORIM, Maria Alice. Atitudes de pais e professores em relação à educação sexual na escola de 1º Grau. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 34(3):12-17, jul./set. 1982.

GRACIANO, Marília. Homem-mulher: por que polarizamos os sexos? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (26):93-98, set. 1978.

- GOLDBERG, Maria Amélia A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** São Paulo, Edições Aruanda, 1982. 105 p.
- LEJEUNE, Claude. **L'éducation sexuelle en milieu scolaire.** Belgique, Casteman, 1980. 140 p.
- MONEY, John/TUCKE, Patrícia. **Os papéis sexuais.** São Paulo, Brasiliense, 1981. 203 p.
- MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira.** Rio de Janeiro, Vozes, 1983. 501 p.
- NAGELSCHMIDT, Ana Maria et alii. Um aspecto da modernidade feminina na cidade de São Paulo: o "machismo". **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (22):71-76, set. 1977.
- SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** Rio de Janeiro, Edição da Autora, 1983. 367 p.
- USSEL, Jos Van. **Histoire de la répression sexuelle.** Paris, Éditions Robert Laffont, 1972. 348 p.
- VAINSENER, Semira A. **O aluno entende de sexo?** Recife, FUNDAJ/CNPq, 1985 147 p. (mimeo)
- _____. **Educação Sexual: E o Professor?** Recife, FUNDAJ/CNPq, 1987. 191 p. (mimeo)
- VIRGINDADE. In: **Enciclopédia Luso - Brasileira de Cultura.** Lisboa, Verbo, 1976. v. 18 p. 1272.
- WEREBE, Maria José G. Estudos sobre a sexualidade do adolescente: análise crítica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, 31(4):373-381, 1978.
- _____. **Implantação da educação sexual no Brasil.** **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (26):21-24, set. 1978.
- _____. **A educação sexual na escola.** São Paulo, Moraes Editores, 1977. 261 p.

